



A diaconia de Rute¹

Ruth's Diakonia

Josiane Velten²

Carolina Bezerra de Souza³

Resumo: Este artigo aborda o livro de Rute a partir de três aportes: a Teologia Feminista com a suspeita e a categoria de gênero para descortinar tanto violências como protagonismos; a análise da narrativa para uma caracterização de Rute que mostrou a construção de uma personagem exemplar; e, finalmente, sob a ótica do conceito de diaconia. Apresentamos uma aproximação do entendimento teológico sobre diaconia, para mostrar que a relação entre Rute e Noemi, sua sororidade e agência podem ser entendidas dentro dessa perspectiva, o que nos mostra que os valores diaconais propagados nos Evangelhos já estavam presentes na teologia popular pós-exílica.

Palavras-chave: Rute, diaconia, teologia feminista, caracterização.

Abstract: This article approaches Ruth's book from three perspectives: Feminist Theology with the suspicion and category of gender to reveal both violence and protagonism; the analysis of the narrative for a characterization of Ruth that showed the construction of an exemplary character; and, finally, from the perspective of the concept of diakonia. We present an approximation of the theological understanding of diakonia, to show that the relationship between Ruth and Naomi, their sisterhood and agency can be understood within this perspective, which shows us that the diaconal values propagated in the Gospels were already present in post-exilic popular theology.

Keywords: Ruth, diakonia, feminist theology, characterization.

Introdução

Quando olhamos para o livro de Rute a partir da teologia feminista e das suas ferramentas, a categoria de gênero⁴ e a hermenêutica da suspeita⁵, muitos fatores chamam a atenção. A primeira observação é que se trata de uma história sobre mulheres, com suas

¹ Recebido em 25 de março de 2022. Aceito em 11 de junho de 2022 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Especialista. Faculdades EST. E-mail: josiane.velten@hotmail.com

³ Doutora. Faculdades EST. E-mail: carolbsouza@gmail.com

⁴ Usamos o entendimento de gênero trazido por Joan Scott que define a categoria a partir de duas proposições: 1) “é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e 2) “é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995. p.86. Disponível em: <http://archive.org/download/scott_gender/scott_gender.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2012.

⁵ Muitas teólogas feministas trazem o conceito de hermenêutica da suspeita, preferimos trazer aqui o de Elizabeth Schüssler Fiorenza. Ela entende que a hermenêutica da suspeita é “uma prática desconstrutiva de pesquisa que desnaturaliza e desmistifica as práticas linguístico-culturais de dominação”. SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos de Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. Tradução de Mônica Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009. p. 198.



experiências, estratégias e ações em busca de sua sobrevivência em meio a uma sociedade patriarcal quando ocupam um dos grupos mais marginalizados da sociedade judaica, o grupo das viúvas sem filho, sendo, ainda, uma delas estrangeira. Isso importa muito, pois no contexto dos livros bíblicos do Antigo Testamento, que durante muito tempo se acreditou serem criações de homens para homens nas quais a realidade das mulheres e suas tradições não importavam tanto, temos esse livro que traz a força da agência feminina em colocar em prática suas interpretações de leis e nos questionando sobre a realidade dessa noção.

A hermenêutica da suspeita questiona interpretações românticas que mudam o foco do sofrimento, sabedoria e luta para uma história de amor e acabam por se tornar violentas ao silenciar tanto as experiências difíceis como o protagonismo dessas mulheres. E juntamente com a categoria de gênero nos faz questionar por onde flui o poder nessa história e que representações de mulheres e homens são colocados, a quem elas servem.

Não se trata apenas de uma história de amor, é uma história sobre violências sistêmicas que trata de fome, dos perigos que mulheres correm em meio à busca por sobrevivência e de como as mulheres são obrigadas a usar de estratégias de sedução para garantir seus direitos meio a uma sociedade patriarcal. É uma história da luta de mulheres pela sua terra e pelas condições econômicas e sociais de vida na situação de viuvez diante da inação de quem devia ampará-las. Elas lançam mãos dos únicos recursos ao seu alcance para acessarem as ferramentas de proteção social que a lei de Israel provinha: a lei que obrigava o proprietário de terra a deixar espigas caídas e uma parte não colhida do campo para pobres e estrangeiros (Lv 19,9-10 e Dt 24,19-22); a lei do resgate de terras vendidas que possibilitava reaver a terra familiar (Lv 25,23-34) e a lei do levirato que garantia a continuidade da família e possibilitava que as viúvas não ficassem desamparadas (Dt 25,5-10).

Não é consenso acadêmico que a época de composição do texto seja o pós-exílio, durante ou após as reformas de Esdras-Neemias, mas é para onde boa parte da pesquisa atual caminha compreendendo no texto uma resposta da religião popular de um grupo oprimido e empobrecido para uma reforma político-religiosa que pregava pureza étnica como condição da posse da terra⁶. Percebemos então que a história começa com a fome que força o abandono da terra, com a penúria das mulheres viúvas e termina com uma nova situação vital de abundância e plena pertença ao povo de Israel quando se cumpre a lei com decisão comunitária. No nível do

⁶ A partir de uma abordagem feminista indicamos a discussão do contexto de surgimento de Rute em MENA LOPEZ, Maricel. La Torá femenina: Introducción histórico-literaria. *RIBLA*, Quito, n.67, 2010, p.7- 22 e em TEZZA, Maristela; TOSELI, Cecilia. Rut: Una introducción. *RIBLA*, Quito, n.67, 2010, p.37- 47.



discurso, a mensagem do livro responde à situação social de origem do texto com esse protagonismo de mulheres, em especial de uma estrangeira que entra na genealogia do rei David. Mais tarde, o Evangelho de Mateus faz questão de registrar a presença dela na genealogia de Jesus, e, com isso, estabelece alguns parâmetros interpretativos para a figura de Jesus, incluindo Rute como paradigma. Como resposta ao contexto temos também o resgate dessa legislação e do tempo dos juízes como uma época considerada idílica, em que Deus agia através das pessoas e comunidades.

Tendo essas questões por pano de fundo, queremos olhar para a caracterização de Rute ao longo da narrativa para discernir nela a representação de valores que possam ser colocados em paralelo com a noção teológica de diaconia presente no Novo Testamento. Veremos adiante que o conceito diaconia inaugurado por Jesus é diferente daquele que se tinha no contexto judaico. Queremos mostrar que as ações de Rute podem ser lidas como uma forma de exercício diaconal, por exemplo, ao se colocar ao lado do sofrimento de sua sogra Noemi, que, ao perder seus filhos e seu marido se sente extremamente perdida e amargurada. Em um contexto patriarcal, a sororidade entre mulheres chama atenção, mas acima de tudo, a diaconia das mulheres revela o cuidado e a preocupação pela vida numa situação de completa humilhação e desalento.

A história dessas mulheres vista a partir da diaconia aponta para sua coragem num contexto violento que marca os seus corpos. Rute e Noemi nos instigam a uma diaconia transformadora que não se acanha, não se retrai. Uma diaconia que potencializa a história de vida delas resultando na saída de sua terra à procura de outro lugar que possibilitasse melhores condições de vida. A diaconia de Rute nos desaconselha o comodismo e nos faz perceber o sofrimento que está também à nossa volta.

Caracterizando Rute: uma abordagem feminista e da narrativa

Para acessarmos como a narrativa faz a construção dessa personagem propomos algumas etapas: 1) notar o que o narrador diz sobre ela, como ela está relacionada com outras personagens, seja por comparação ou contraste, ou ainda pelo desenrolar da trama; 2) perceber o que ela diz e faz; e 3) atentar para o que outras personagens fazem ou dizem em relação a ela.⁷

⁷ MALBON, Elizabeth Struders. Narrative Criticism: how does the Story Mean. In: ANDERSON, Janice Capel & MOORE, Stephen D. *Mark & Method: new approaches in biblical studies*. 2ed. Minneapolis: Fortress Press, 2008. p. 34-35; RHOADS, David; DEWEY, Joanna; MICHIE, Donald. *Mark as Story: an introduction to the narrative of a gospel*. 2ed. Minneapolis: Fortress Press, 1999. p. 102; MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. Tradução de Margarita Oliva. São Paulo: Loyola, 2009. p.78-80.



A narrativa do livro de Rute tem uma característica especial: a grande proporção de discurso direto. Dos 86 versos, 56 são discurso direto. Ou seja, o narrador concede muitas vezes voz às personagens e isso dá uma característica dinâmica à narrativa, que é construída em maior parte pela ação e discurso das personagens. Porém, o discurso do narrador dá ponto de vista, a situação introdutória da narrativa e a situação final, inclusive a indicação de que Rute seria mãe de Obede e a avó do rei David. Essa pertença à genealogia de David afirma que Deus abençoara Rute, o que chancela a pertença dessa estrangeira como uma figura notável para Israel, um paradigma de ação e de pertencimento.

É o narrador quem informa como são chamadas as personagens. Os nomes são uma questão importante nas narrativas do Antigo Testamento, mas, em Rute, eles aparecem como um protótipo para guiar a interpretação das personagens: “Elimelec (Meu Deus é rei), Noemi (graça ou graciosa), Mara (amargura ou amargosa), Maalon (doença), Queliom (fragilidade), Orfa (costas), Rute (amiga ou saciada), Booz (pela força) e Obede (servo)”⁸.

Ao estabelecer o contexto, o narrador nos conta que Rute e Orfa eram noras de Noemi e que as três conviveram por dez anos em Moabe. Com as mortes do marido (Elimelec) e, mais tarde, dos filhos (Maalon e Queliom) de Noemi, elas resolveram juntas partir para Belém, pois souberam que havia passado o tempo da seca e teriam melhor condição de sobreviver. Percebemos que Rute tem uma personagem com a qual deve ser comparada, Orfa, sua cunhada.

Após o apelo de Noemi argumentando que não podia oferecer segurança alguma, Orfa decidiu retornar para a casa da sua mãe, mas não sem relutar, não sem antes decidir estar com Noemi (1,7-12). Rute resolveu permanecer com a sogra qual fosse o caminho dela. Nesse sentido, é importante aprofundar o grau de compromisso de Rute com Noemi e de renúncia que ela fez por isso.

Rute renunciou a muita coisa: seu rumo (“onde fores”), sua casa e seu repouso (“onde repousares”), sua nacionalidade (“teu povo”), sua divindade (“teu Deus”) e sua sepultura (“onde morreres”)! Na antiguidade, as pessoas poderiam ser deserddadas simplesmente por mudar de cidade, mas Rute estava disposta a mudar de país. Essa era uma renúncia radical. Ser sepultado junto dos familiares era como ser reunido a seu povo ou descansar com seus pais (cf. Gn 25,8 e 1 Rs 119 2,10). Com esse gesto ela escolheu ser banida de sua família, dando-lhe as costas.⁹

⁸ MARIANNO, Lília Dias. Sogra e nora: parceiras? Viúvas e estrategistas sobrevivendo à fome (Rut). *RIBL*. Quito, n. 66, 2010, p.115-127. p.117. BAL, Mieke. Heroism and proper names, or the fruits of analogy. In: BRENNER, Athalya (ed). *A feminist companion to Ruth*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001. p.42-69. p. 49-53.

⁹ MARIANNO, 2010, p.118.



Há uma independência na escolha de Rute que pode ser encarada como exemplo para que outras mulheres sejam independentes nas escolhas e ocupem os espaços domésticos e públicos¹⁰. Percebemos que Rute assumiu como nova família aquela que conseguira no casamento e estava disposta a abandonar seu mundo cultural, suas demais relações em prol do cuidado com sua sogra, que nada tinha a oferecer além de miséria. Uma dedicação exemplar que é aprofundada pela escolha religiosa.

Estando em Belém, diante da amargura que vivia Noemi, e do fato que não havia quem as ajudasse na situação de penúria, pois, mesmo com a comoção da cidade (1,19), elas continuavam na pobreza, havia inação de parentes que deveriam ajudar, Rute foi um sopro de vida. Foi ela quem, de forma proativa, propôs trabalhar para conseguir alimento em meio à sega. O trabalho dedicado de Rute durante o período da colheita poderia sustentar as duas por algum tempo quando a sega terminasse. Ela trabalhou duro para conseguir alimento para as duas, por acaso, na terra de um parente de Elimelec, Booz ou Boaz (2,1-3).

Lá, ela teve um diálogo com o servo encarregado da colheita para pedir permissão para algo que não precisaria pedir, pois estava na lei que ela poderia ali recolher espigas caídas e deixadas no campo; provavelmente fez isso para chamar atenção para sua presença e conseguiu¹¹. Esse homem mostra a Boaz que Rute trabalhava duro. Em sua fala, Boaz reconheceu o compromisso de Rute com Noemi e seu esforço em busca de alimento, elogiou-a, desejou que Deus a recompensasse por sua bondade, e indicou a companhia das servas para a sua proteção (2,8.9.11.12.). Ele facilitou a tarefa de Rute, orientando os servos que a deixassem fazer em paz o que a lei já permitia (2,15), mas não fez menção de agir como resgatador para Noemi. Diante de Boaz, Rute teve uma fala humilde e agradecida pelo cuidado que ele lhe dispensava (2,10.13). Ela trabalhava sobre o que recolhia, levava para casa, levando também da comida que ganhara de Boaz para sua sogra.

Noemi, recuperada do estado de tristeza que a dominava pela novidade de vida que veio com o alimento, demonstrou cuidado com a integridade física e sentimental de Rute, orientou a nora a permanecer com as servas de Boaz e também que ao final da sega Rute agisse de tal forma que fosse tomada por Boaz, resgatador de Noemi, como esposa, o que garantiria às duas uma vida segura e possivelmente descendência. Ouvindo da sabedoria de sua sogra, Rute assim fez,

¹⁰ LLAGUNO, Miren Junkal Guevara. Ruth and Naomi reclaim their lives and memories. In: MAIER, Christl M.; CALDUCH-BENAGES, Nuria. *The Writings and Later Wisdom Books*. Atlanta: SBL Press, 2014. p. 237-254. p.241-242.

¹¹ RASHKOW, Hona. Ruth: the discourse of power and the power of discourse. In: BRENNER, Athalya (ed). *A feminist companion to Ruth*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001. p. 26-41. p. 34.



perfumou-se, arrumou-se, esperou que ele tivesse bebido e se deitado, descobriu-o e se deitou junto dele. A cena leva a crer que elas queriam que ele entendesse que houve uma relação sexual, o que o texto insinua, mas não deixa claro se de fato houve o intercuro.

Diante da situação em que nenhum resgatador se apresentou, Noemi e Rute precisaram agir para que elas sobrevivessem, traçaram um estratagema que surtiu efeito. É necessário encarar com seriedade a violência de uma sociedade em que mulheres precisam usar de uma estratégia de sedução de um homem mais velho para garantir a vida, apesar de existirem leis de proteção social. Ir para a eira exigiu de Rute força, enfrentamento do medo de ser vista por alguém, de ser rejeitada por Boaz, da sua condição de estrangeira e viúva e muito compromisso com a sogra.

Ao acordar e perceber a situação, Boaz questionou quem estava com ele. Rute se identificou e pediu pela proteção argumentando que ele é um resgatador, o que não fora combinado com sua sogra, ou seja, ela foi novamente proativa (3,8.9). Ele a acolheu com uma bênção e agradeceu a Rute por ter escolhido a ele e não a jovens, afirmando que com isso ela fez o bem a ele, sendo que já tinha feito antes à Noemi, e se comprometeu com ela elogiando-a como virtuosa (3,9.10.11). Pediu ainda que ela permanecesse com ele naquela noite, mas para sair antes que pudesse ser percebida. Com isso, vemos que o estratagema é transformado pelo discurso narrativo em uma boa ação, caracterizando Rute como fiel, corajosa e boa.

A cena em que Boaz está na porta da cidade com o outro resgatador, anciãos e outras testemunhas da cidade mostra a instância local de decisão que representava um desejo popular de organização social. Eles discutem sobre uma confusão de leis: regate, levirato e ainda havia uma lei que proibia os casamentos com estrangeiras (Dt 7,3). Ela precisa ser encarada com seriedade, pois representa a discussão em torno da situação de muitas pessoas em Israel. A decisão é favorável ao casamento de Rute e Boaz, que possibilita a integração de Rute ao povo.

Ao final da discussão, também existe uma bênção sobre Boaz, que traz à memória figuras de mulheres já consagradas na tradição israelita que devem servir de base para a caracterização de Rute: primeiramente as irmãs Raquel e Lia e, depois, Tamar (4,11-12). As primeiras subverteram o sistema de disputa ao agirem juntas para que ambas tivessem filhos e a presença do marido e assim constroem a casa de Israel. A segunda precisou enganar seu sogro para garantir seu direito de gerar descendência em uma mistura de gerações e foi considerada mais justa que ele. Ou seja, a própria comparação colocada relembra que a subversão das mulheres foi boa para Israel¹² e assim conduz também a interpretação da história de Rute e Noemi.

¹² BAL, 2001, p. 61-66.



Por fim, as mulheres de Belém, cujo foco do discurso era Noemi (1.19), agora falam positivamente de Rute: ela amava Noemi e lhe valia mais que sete filhos, pois fora instrumento da providência divina ao gerar um neto. Lembrando que sete representa perfeição e era considerado o número perfeito de filhos (4,14-15).¹³

Essa breve aproximação da personagem nos mostra uma Rute comprometida com quem ama, disposta a ir com essa pessoa, suportá-la em suas necessidades, abrindo mão das suas seguranças, como uma pessoa proativa, bondosa, corajosa e inteligente. Ela é a heroína da história que consegue transformar a realidade de pobreza, destituição e luto em que ela e sua sogra viviam, para uma vida de segurança e linhagem familiar garantida, um valor importante dentro da sociedade patriarcal da época. Com isso, torna-se um paradigma de ação para o povo de Israel a partir de um judaísmo popular, contraposta à exclusão das pessoas estrangeiras vivida na época.

Introduzindo o conceito de diaconia

O conceito diaconia provém do grego e sua forma verbal é *diakonein*.¹⁴ Originalmente, esse termo significa “providenciar os gêneros alimentícios, sua preparação diária para o consumo e a organização das refeições, ou seja, *diakonein*, quer dizer ‘cuidar da subsistência’”.¹⁵ Segundo Schottroff, o termo também incluía serviços pessoais diversos, desde carregar bagagens, lavar pés, preparo de banhos, etc., ou ainda qualquer trabalho pesado.¹⁶ Julgava-se tratar de uma tarefa feminina, “é tarefa de mulheres”¹⁷, mas também de pessoas escravizadas, o que demarcava fronteiras no âmbito social, ou seja, não era atividade de homens livres.¹⁸ O servir à mesa era entendido como uma atividade de “sujeição pessoal que era considerada indigna e desonrosa”¹⁹ e, por isso, possuía para os gregos um aspecto negativo.

No contexto judaico, não aparece o termo *diakonein*. O termo correspondente, segundo Pletsch, é a palavra “*douleuen* (serviço prestado a Deus) e *leitourgein* e *latreuein* (em contextos

¹³ LLAGUNO, 2014, p. 243. Cf 1Sm 2,5; Jó 1,2; 42,13; Jr 15,9 para outros exemplos do uso dessa expressão.

¹⁴ GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia. In: BORTOLETO, Fernando (org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 288.

¹⁵ GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. 2. ed. revista. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2021. p. 69.

¹⁶ SCHOTTROFF, Luise. Servidoras e servidores dos santos. In: NORDSTROKKE, Kjel (org.) *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. Tradução de Werner Fuchs. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 84-106. p. 85-88.

¹⁷ BEYER, Hermann Wolfgang. Verbetes diakonéo, diakonía, diákonos. In: Kittel, GERHARD (Hrsg.). *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 1950. V. 2, p. 81.

¹⁸ SCHOTTROFF, 2003, p. 96.

¹⁹ HESS, Klaus. Verbetes: servir, diácono, adoração. In: BROWN, Colin (Ed.). *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1983. v. 4, p. 449.



litúrgicos)”.²⁰ Isso porque a concepção sobre o servir está relacionada ao grande mandamento do amor. “Israel tem a herança do mandamento do amor, que incluía o serviço em favor do próximo”.²¹ Esse entendimento difere do conceito de serviço encontrado no mundo não judaico, como vimos anteriormente.

Por outro lado, no judaísmo tardio o mandamento do amor cultivado como herança do povo de Israel, vai perdendo sua intensidade e ganha força a concepção de serviço sob o “caráter de obra meritória”.²² Essa ideia da meritocracia é fomentada pelo moralismo que aposta na concepção separatista de pessoas justas e injustas.

Conforme a pesquisadora Rosane Pletsch, “na época de Jesus, os judeus cumpriram as suas responsabilidades sociais principalmente através de esmolas e não tanto na forma de serviços”.²³ Muitas leis judaicas beneficiavam as pessoas pobres: anulação de dívidas, recolhimento de sobras da plantação (Lv 19,10), ou ainda, possibilidade de oferecer em sacrifício, no templo, pombas ao invés de ovelhas (Lv 5,7). As responsabilidades judaicas, no tempo de Jesus, eram praticadas junto às pessoas mais necessitadas com base no cumprimento da lei.²⁴

Nos textos do Novo Testamento, estas informações aparecem de forma mais visível. São os escravos e as escravas que têm a tarefa de preparar a comida e servir a mesa. Tal tarefa recebe o nome *diakonein*. Além disso, o Novo Testamento aponta ainda outra tarefa destinada aos escravos e as escravas: “João 13,4 pressupõe que escravos e escravas lavam os pés das pessoas convidadas para a ceia”.²⁵ Contudo, na ausência de escravos e escravas, a tarefa de preparar a comida e servir era destinada às mulheres, conforme relata o pesquisador Rodolfo Gaede Neto: “se o *diakonein* é realizado por uma mulher, então ela precisa esperar a ceia terminar, para comer depois”.²⁶ Essa prática também era válida para a tradição judaica.

Curioso é o fato de que, mais tarde, na composição dos evangelhos, o termo correspondente que fundamenta o ministério de Jesus, é a palavra *diakonein*, que, originalmente, provém do mundo não judaico. Como já visto anteriormente, a prática da *diakonein* colocava um determinado grupo numa categoria de submissão e, conseqüentemente, de exclusão. Porém, no

²⁰ PLETSCH, Rosane. *Diaconia feminista: uma ressignificação do conceito de servir*. São Leopoldo, 2001. p. 14. (Dissertação de mestrado).

²¹ GAEDE NETO, 2021, p. 69.

²² PLETSCH, 2001, p. 14.

²³ PLETSCH, 2001, p. 14.

²⁴ GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão nos primeiros séculos*. São Leopoldo, 1999. p. 49. (Dissertação de mestrado).

²⁵ GAEDE NETO, 2021, p. 70.

²⁶ GAEDE NETO, 2021, p. 70.



entender do grupo de cristãos que narram a vida de Jesus, servir não significa perder a dignidade e também não deve promover a desigualdade.

Jesus, o diácono, dá exemplos práticos sobre o que é servir e motiva seus discípulos e discípulas a agirem da mesma forma. Sendo assim, transforma a diaconia em um serviço para as pessoas desfavorecidas que compunham a maior parte do movimento cristão em seus princípios. A diaconia cristã supera a ideia da divisão social. O texto de Mc 10,45²⁷ expressa isso de forma bastante acentuada. A comodidade espera pelo serviço, enquanto isso, o Reino de Deus lança uma perspectiva totalmente que deve ser a de assumir, de forma concreta, ações de transformação.

Ou seja, a *diakonein*, que até então era entendida como ação indigna e de desqualificação recebe, nos evangelhos, através da narrativa da vida de Jesus, uma nova definição. É por meio do servir que situações de sofrimento são transformadas. É na ação do servir às mesas saciando a fome física, ou por meio da mesa eucarística, onde o corpo e sangue de Cristo são repartidos, que a diaconia transforma espaços, relacionamentos e convicções.

“Transformação pressupõe mudança”, conforme aponta Kjell Nordstokke.²⁸ Ao mesmo tempo, aponta para a ação. Ação esta que não deve se esquecer do motivo que a leva a tal ato. Por que transformar? O que transformar? Como transformar? “Sim, é preciso transformar estruturas quando estas servem como geradoras de morte.”²⁹

Nesse processo, especialmente a “clareza teórica e paixão existencial”³⁰ precisam se fazer presentes. Situações de sofrimento necessitam de clareza teórica para promover mudança. Nem sempre há consenso para a resolução de conflitos, mas existem muitas maneiras de promover mudanças. Especialmente, porque a diaconia “é o serviço realizado e motivado pelo amor de Deus em favor do ser humano.”³¹ A promoção da vida baseada no amor incondicional de Deus pela humanidade é o que leva cada pessoa a servir. Servimos, porque Deus nos serviu primeiro, conforme Mc 10,45. Somos instrumentos de transformação, porque Deus se encarna na realidade humana e transforma relacionamentos, paradigmas e leis. Nesse caminho, apontamos ainda sobre qual deve ser a prioridade da Igreja. A margem social deve ser a prioridade. A diaconia como base

²⁷ “Por que o Filho do Homem não veio ser servido, mas servir e dar seu ser em lugar de muitos.” (Mc 10,45) (tradução nossa da versão grega NA28).

²⁸ NORDSTOKKE, Kjell (Org.). *Diaconia: fé em ação*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 66.

²⁹ NORDSTOKKE, 1998, p. 67.

³⁰ NORDSTOKKE, 1998, p. 67.

³¹ NORDSTOKKE, 1998, p. 68.



primordial da Igreja e que ultrapassa demarcações temporais específicas, mas que se espalha e alcança a todas as pessoas em sua vulnerabilidade, precisa ter maior importância.

Diaconia que se acomoda não é diaconia. Há sempre e em qualquer lugar uma maneira de se colocar a serviço de uma causa. Há sempre uma maneira de se colocar em ação. Jesus, ao se colocar como aquele que serve aponta para o principal fundamento da diaconia.

Rute, a diácona

Relatos bíblicos como o livro de Rute e tantos outros, conforme Nordstokke, “têm uma potencialidade incrível quando são lidos sob a ótica diaconal. Assim não só é verificada a importância da Bíblia para a diaconia. Também é resgatada mais uma dimensão da mensagem bíblica de suma importância para a comunidade cristã”.³² Por isso, não seria ousado interpretar a vida de Rute tendo como pano de fundo o aspecto diaconal. Fazendo isso, podemos ter mais esse exemplo de que existem valores relacionados ao cuidado das pessoas em necessidade e à preservação da vida que estão em várias partes do Antigo e Novo Testamentos.

A história de Rute é um verdadeiro relato da diaconia que sustenta relações, luta contra a opressão e se coloca a serviço, gerando transformação na vida de ambas e do povo de Israel. Aquilo que se inicia no cuidado com Noemi será experimentado também pelas futuras gerações. Toda uma descendência é afirmada pelo texto como fruto da diaconia de Rute, inclusive Jesus. A atitude de Rute, em relação a Noemi, condiz exatamente com o que mais adiante o ministério de Jesus aponta como sendo diaconia. O próprio discurso do livro pretende transformar a situação de um grupo social, pelo resgate da legislação como forma de resistência às exclusões, sendo assim, essa história inspiradora com uma personagem heroína tem uma função social definida.

Porém, voltamos a reforçar que relatar a atitude de Rute de zelo e preocupação, não deve ser usado para romantizar sua história. Como já afirmamos, a narrativa de Rute e Noemi não trata de uma história romântica, mas de um relato de superação, determinação e sororidade onde elas são protagonistas da narrativa e determinam o rumo da história. É preciso atentar para as violências estruturais que pesavam sobre as personagens.

Como vimos anteriormente, o movimento de Jesus inaugura um novo conceito de diaconia. Este novo conceito se direciona, especialmente, para a relação com o outro. Segundo a autora Sissi Gerorg, em Jesus, a diaconia recebe uma definição relacional. Isso quer dizer, que a

³² NORDSTOKKE, 1998, p. 80.



diaconia é definida a partir da ação cuidadora em relação à outra pessoa.³³ Assim, podemos olhar para a relação de Rute e Noemi como uma relação diaconal em que há comprometimento para ações de transformação da situação de miséria e destituição social em que se encontram.

“Quando Jesus se encontra com as pessoas da periferia, a situação delas é transformada”.³⁴ Rute não se encontra com Jesus, mas ao estender o cuidado à outra pessoa, especialmente outra mulher em situação de grande sofrimento, como sua sogra que se autodefinia como amarga e que, assim como a própria Rute, estava na periferia, na pobreza e em luto, a essência da diaconia se torna concreta. Mesmo consciente que passaria por muitas dificuldades e tendo seu futuro incerto, Rute decide pelo compromisso com a sogra, abandonando a segurança do retorno à casa de sua mãe (Rt 1,8.16-17), em prol de alguém cuja situação era pior que a dela, pois era uma mulher idosa, provavelmente menos capaz para o trabalho pesado. Assim, ela se une à Noemi para ir no mesmo caminho e fixar-se em outra terra, reúne força e estratégia para conseguir alimento para ambas e mais tarde para se arriscar em conseguir a proteção de Boaz. Ela faz isso com autonomia e consciência, oferece-se para o trabalho braçal, decide apresentar-se sem necessidade, trabalha muito, consegue alimento, separa da comida ~~da~~ que ganhou de Boaz para a levar a Noemi, continua trabalhando por todo o período de colheita, arrisca sua reputação em um movimento ousado de sedução e tem autonomia para pedir a Boaz aquilo que não fora combinado antes com Noemi, fazendo com que ele se comprometa com a situação delas.

A atitude diaconal não se refere a assistencialismo, mas “implica parceria, não deve permitir uma separação entre pessoas beneficentes e pessoas beneficiárias. Todos temos dons, todos somos servos uns dos outros, mesmo se há alguns que necessitam de mais ajuda do que outros”.³⁵ Se podemos perceber as ações de cuidado de Rute, essa relação se torna mais aparente na narrativa quando se percebe que também Noemi tem cuidado com a vida de Rute e planeja um futuro melhor para ambas. Inicialmente, Noemi não quer que as noras a sigam numa situação de sofrimento e destituição; depois de ser cuidada por Rute, Noemi sai do estado depressivo e, usando da sua sabedoria de vida, arquiteta a estratégia para conseguir a proteção de Boaz para ambas através do matrimônio entre ele e Rute e do resgate das terras, que garantiria a ambas acesso à terra, além da possibilidade de continuar a linhagem da família, o que impediria que

³³ GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Centro de Recursos Litúrgicos, 2006. p. 24.

³⁴ NORDSTOKKE, 1998, p. 82.

³⁵ NORDSTOKKE, 1998, p. 83.



estivessem tão marginalizadas em momentos futuros. Portanto, o cuidado pela vida uma da outra percorre toda a narrativa.

Por todo seu protagonismo, na dedicação à vida de Noemi, na sua atitude proativa, no seu trabalho para conseguir sustento e na entrega para conseguir dar continuidade à família e reaver seus direitos, podemos chamar Rute de diácona. As espigas colhidas demonstram de forma prática sua diaconia, além de apontar para o significado da diaconia em seu contexto. Esta diaconia aponta para aquela ação do preparo do alimento, mas também o significado inaugurado por Jesus, que abrange muito mais o aspecto do cuidado como um todo diante da situação em que essas duas mulheres se encontravam. Sua diaconia é transformadora, pois através dela, Rute muda tanto o estado de tristeza e marginalização de sua sogra como, auxiliada por ela consegue reaver os direitos dela garantindo às duas uma vida digna e respeito social.

Considerações finais

O livro de Rute trata de assuntos difíceis para as mulheres. Trata da exclusão social de mulheres e sua agência para buscar uma condição de segurança meio a uma sociedade patriarcal. Demonstramos que a história foi construída visando a uma caracterização positiva de Rute como uma mulher exemplar. Ela é paradigma tanto para Israel como para alguns ramos do cristianismo, a partir da genealogia do Evangelho de Mateus.

Olhando para o conceito diaconia e para a transformação social que a história de Rute pode gerar, percebemos que valores defendidos por Jesus nos evangelhos através do conceito de diaconia estavam presentes na teologia popular de Israel no pós-exílio e, sendo assim, podem ter servido de base para a teologia refletida por alguns grupos de cristãos no Novo Testamento. No livro de Rute estão presentes o compromisso de entrega e dedicação relacional e a busca proativa do bem de alguém em necessidade que acaba transformando a realidade das pessoas envolvidas.

O comprometimento com a vida abundante de outra pessoa e dedicação para transformar situações de opressão, são os fundamentos da ação diaconal. Estas características marcam a vida de Rute e de Noemi. Estas também foram as principais características apontadas neste artigo: o conceito diaconia no contexto judaico, passando pelo ministério de Jesus e, por fim, apontando para a leitura diaconal da vida de Rute.

Dessa forma, o presente artigo também nos inspira a atentar ~~nossos olhares~~ para uma leitura diaconal dos textos bíblicos, apostando no protagonismo de cada pessoa e na ação transformadora de sua atuação.



Referências

- BAL, Mieke. Heroism and proper names, or the fruits of analogy. In: BRENNER, Athalya (ed). *A feminist companion to Ruth*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001. p.42-69. p. 49-53.
- BEYER, Hermann Wolfgang. Verbetes diakonéo, diakonía, diákonos. In: Kittel, GERHARD (Hrsg.). *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 1950. V. 2, p. 81.
- GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. 2. ed. revista. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2021. p. 69.
- GAEDE NETO, Rodolfo. Diaconia. In: BORTOLETO, Fernando (org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 288.
- GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Centro de Recursos Litúrgicos, 2006. p. 24.
- GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão nos primeiros séculos*. São Leopoldo, 1999. 215 p. (Dissertação de mestrado).
- HESS, Klaus. Verbetes: servir, diácono, adoração. In: BROWN, Colin (Ed.). *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1983. v. 4, p. 449.
- LLAGUNO, Miren Junkal Guevara. Ruth and Naomi reclaim their lives and memories. In: MAIER, Christl M.; CALDUCH-BENAGES, Nuria. *The Writings and Later Wisdom Books*. Atlanta: SBL Press, 2014. p. 237-254.
- MALBON, Elizabeth Struders. Narrative Criticism: how does the Story Mean. In: ANDERSON, Janice Capel & MOORE, Stephen D. *Mark & Method: new approaches in biblical studies*. 2ed. Minneapolis: Fortress Press, 2008. p. 34-35.
- MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. Tradução de Margarita Oliva. São Paulo: Loyola, 2009. p.78-80.
- MARIANNO, Lília Dias. Sogra e nora: parceiras? Viúvas e estrategistas sobrevivendo à fome (Rut). *RIBLA*. Quito, n. 66, p.115-127, 2010.
- MENA LÓPEZ, Maricel. La Torá femenina: Introducción histórico-literaria. *RIBLA*, Quito, n.67, p. 7-23, 2010.
- NORDSTOKKE, Kjell (Org.). *Diaconia: fé em ação*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. 88 p.
- PLETSCH, Rosane. *Diaconia feminista: uma ressignificação do conceito de servir*. São Leopoldo, 2001. 151 p. (Dissertação de mestrado).



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

- RASHKOW, Hona. Ruth: the discourse of power and the power of discourse. In: BRENNER, Athalya (ed). *A feminist companion to Ruth*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001. p. 26-41.
- RHOADS, David; DEWEY, Joanna; MICHIE, Donald. *Mark as Story: an introduction to the narrative of a gospel*. 2ed. Minneapolis: Fortress Press, 1999.
- SCHOTTROFF, Luise. Servidoras e servidores dos santos. In: NORDSTROKKE, Kjel (org.) *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. Tradução de Werner Fuchs. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 84-106.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos de Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. Tradução de Mônica Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://archive.org/download/scott_gender/scott_gender.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2012.
- TEZZA, Maristela; TOSELI, Cecilia. Rut: Una introducción. *RIBLA*, Quito, n.67, p. 37-47, 2010.